

*Discurso na cerimônia de posse do ministro de Estado do Planejamento e Orçamento, deputado Antonio Kandir*

**PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE JUNHO DE 1996**

*Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Senhor Presidente do Senado Federal, Senador José Sarney; Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Luís Eduardo Magalhães; Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal, José Paulo Sepúlveda Pertence; Senhor Ministro de Estado do Planejamento e Orçamento, Dr. Antonio Kandir e Dona Eugênia, esposa; Senador José Serra; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Governadores que nos honram com a presença; Senhores Líderes do Governo no Senado, na Câmara e no Congresso; Senhores Parlamentares; Senhoras e Senhores;*

Hoje, não falarei quase nada. Ouvei e aprendi, aprendi muito. Não quero acrescentar, porque não teria como acrescentar, uma palavra ao que foi dito pelo Ministro Kandir e pelo Senador José Serra.

Quero apenas, em dois minutos, dizer da minha emoção com esta cerimônia.

Recentemente, eu estava na França, e um dos líderes parlamentares que me acompanhava me disse que era muito difícil ver-me emocionado, perdendo, às vezes, a capacidade de falar com fluência.

Bondade de quem fez a observação. Isso aconteceu porque eu estava na Sorbonne, e houve uma homenagem que me tocou muito a fundo. Pois bem, hoje estou emocionado. Talvez não tenha capacidade de falar ao País com a determinação que tenho, preferia hoje guardá-la, para deixar que apenas a emoção se manifeste, ao agradecer ao Senador José Serra a colaboração enorme que prestou ao Governo e à consolidação do Plano Real nesta etapa que estamos atravessando.

Serra disse aqui o que foi feito. Muito foi feito, talvez muito mais até do que aqui foi mencionado. Nós pertencemos a uma escola de políticos, se assim posso dizer, e o Serra mencionou o nosso patrono, Deputado Franco Montoro, que aqui está, que talvez se perca por explicar demais, por não ter a capacidade de fazer o *marketing* político barato, porque nós, por termos tanta crença no nosso rumo, nas nossas convicções, muitas vezes nos esquecemos, ao explicar, de sermos mais didáticos e muitas vezes nos perdemos na complexidade de raciocínios para justificar, perante nós próprios, o porquê do caminho.

O Serra é um exemplo disso. É um exemplo de alguém que, nesse pouco mais de um ano de governo, batalhou como poucos, e todos sabem da capacidade enorme de trabalho, da energia e da clareza que ele tem e da convicção com que defende os seus pontos de vista. E, num momento em que eu achava que ele não ia – embora eu tivesse dito a ele inúmeras vezes, nas múltiplas conversas que sempre temos, que não me perguntasse politicamente o que eu achava e não confundisse o que eu achava politicamente com o que eu fizesse –, eu soube que o Serra disse, em algum momento, que, se fosse ele o presidente, talvez não tivesse deixado que o José Serra saísse. Ele tem razão. Com a determinação e com a capacidade que ele tem de interferir para lograr os resultados, no bom sentido, ele não deixaria. Cada um tem um estilo.

Eu não deixei, mas não me sinto com a condição política ou pessoal de impedir alguém de, sentindo dentro da alma o desafio, seguir esse desafio e fazer mais pelo Brasil – embora longe, um pouco afastado fisicamente de mim, mas certamente fará mais, na campanha e no governo que espero que obtenha, do que se estivesse aqui.

Serra é como se fosse um irmão. Kandir disse que éramos de outra geração. O Kandir e eu, sim. O Serra e eu – ele não gosta que eu diga, mas ele é careca, eu posso dizer (*risos*) – somos quase da mesma geração, dez anos de diferença; é verdade que isso conta muito, mas, de qualquer maneira, eu me sinto como se fosse um irmão mais velho. Nós brigamos – quem não briga? –, mas as nossas brigas não são, senão, a manifestação da confiança recíproca. Quando, em algum momento, nos irritamos – e é raro eu me irritar, não tanto o Serra –, essa irritação tem como base o entendimento profundo de que estamos acreditando nas coisas e de que os estilos poderão nem sempre coincidir, mas os objetivos coincidem.

O Serra expôs melhor que ninguém quais eram os nossos objetivos no Ministério do Planejamento, quais são os nossos objetivos na consolidação do Real. De modo que, neste momento, me despeço brevemente, só por agora, porque depois vamos estar juntos, não aqui, mas no decorrer da nossa vida política, enfrentando, cada um a seu modo, os desafios, mas sempre com os mesmos propósitos.

Tenho certeza de que seremos capazes de continuar esta luta, porque energia não nos falta.

Queria dizer, também, que, ao me despedir, no Governo, apenas do Serra, nós temos, nós dois, um consolo: é que vem para o Governo o Ministro Kandir. E o Ministro Kandir já demonstrou aqui que ele pertence à mesma família complexa de pensamento: competente – excluindo quem fala –; tenaz, porque somos teimosos, cada um a seu jeito; nós persistimos.

Ele sabe disso e disse aqui: “Nós não vamos, em nenhum momento, ceder.” Eu leio, a todo instante, que o Presidente cedeu. O Presidente não cedeu nada. Eventualmente, faz uma manobra tática, para chegar ao objetivo. Mas não vou ceder no meu objetivo de mudar o Brasil. Nós vamos mudar o Brasil. E, agora, vamos mudar junto com o Kandir, porque o Brasil quer mudar. Vamos mudar: com o Congresso e com os tribunais, na democracia, mas nós vamos mudar o Brasil.

Quando o Presidente ou os seus Líderes percebermos que há uma possibilidade de uma negociação, por um interesse legítimo, não te-

remos dúvida em ceder ao interesse legítimo. Mas isso não significa que tenhamos vacilado nas nossas convicções nem nos nossos objetivos. Neles persistiremos, como temos persistido.

E aqui me apraz muito ver os Presidentes dos demais Poderes, nesta solenidade, como têm vindo sempre, e o Vice-Presidente da República e os Líderes, numa demonstração de unidade. Kandir se soma a esse esforço.

Ele falou de entusiasmo. Entusiasmo, etimologicamente, é ter Deus dentro de si. Isso significa entusiasmo, Deus introjetado. É grego, *theós*. Pois bem, você tem que ter este sentimento mesmo, para que nós possamos mudar: ter Deus dentro de si. O Presidente Sarney, que me aconselha nessa matéria, há de convir que, em certos momentos, ou se acredita, ou se crê, ou as coisas não acontecem, não se movem.

É nesse sentido, com esta crença dentro de si, que o Ministro Kandir se junta à equipe para caminhar na mesma direção da equipe que vem construindo o Real há algum tempo – este Ministério que aqui está hoje constituído. Com o mesmo espírito com que o Ministro José Serra pronunciou suas palavras e com o mesmo propósito com que ele deixa o Governo, Kandir entra no Governo. Entra mais um, para que possamos avançar juntos, junto com os Governadores, com os Senadores, com os Deputados, com os Ministros, enfim, com a cidadania tal qual ela foi delegada, sob a sua forma representativa; mas, sobretudo, junto com o sentimento da rua. Não se enganem: a rua não quer privilégio, a rua não quer aposentadoria de jovem, não; a rua não quer salários enormes, enquanto a maioria não ganha. É só falar com clareza ao povo, que o povo sabe qual é o caminho.

É com este sentimento profundo que estamos todos juntos, aqui, e que agradeço a presença de todos. E felicito o Senador que foi Ministro, e o Deputado que é Ministro hoje.

Muito obrigado.